

UMA CHANCE À VIDA

CORREIO BRAZILIENSE 24 JUL 1998

Luís Cláudio Cicci
Da equipe do Correio

A tecnologia que fez o milagre da vida fora do útero vai ficar acessível num hospital da rede pública de saúde do Distrito Federal. No ano do vigésimo aniversário do primeiro bebê de proveta do mundo, a Fundação Hospital do Distrito Federal inaugura um laboratório no Hospital Materno Infantil (Hmib) para realizar fertilizações fora do organismo humano, ou seja, in vitro.

A iniciativa é uma oportunidade para casais que têm dificuldade em obedecer a ordem divina de crescer e multiplicar e não podem recorrer às clínicas particulares. A ciência consegue vencer o destino que fez um casal infértil e a popularização de técnicas médicas acaba com a exigência de R\$ 2,5 mil a R\$ 3 mil por tentativa com 30% de sucesso, sem contar os R\$ 2 mil necessários para a compra de remédios.

A inauguração do laboratório, resultado de um investimento de R\$ 300 mil, está programada para 12 de agosto. Desde maio, 67 mulheres que há pelo menos seis meses fazem tratamento para engravidar se inscreveram como candidatas à realização do sonho de ser mãe. O que para elas era uma utopia pode tornar-se realidade, como aconteceu com a família de Louise Brown, a inglesa que amanhã completa 20 anos e foi o primeiro bebê de proveta do mundo (veja memória ao lado).

“Nossa intenção é atender às pessoas que não podem ter filho, gente que até agora não tinha saída para seus problemas”, diz o diretor do Hmib, Lucas Cardoso Veras Neto. Há dois anos o hospital é centro de referência em medicina fetal e dedica-se só a prestar assistência a mulheres, gestantes e seus filhos. “Podemos oferecer esse serviço que demanda

alta tecnologia graças à especialização no atendimento.”

Desde 1987 os pacientes do Setor de Reprodução Humana do Hmib esperam pelo laboratório. Por ano, cerca de 5 mil mulheres que não poderiam ter filho sem a ajuda da ciência procuram pela ajuda da equipe de 14 pessoas, dos quais sete são médicos especialistas em reprodução. “O serviço representa a democratização do tratamento de ponta para resolver problemas de infertilidade conjugal”, explica o coordenador do setor, Joaquim Roberto Costa Lopes.

A cada mês, 50 mães frustradas vão ter a chance de engravidar, com possibilidade de sucesso de até 30%. Das mulheres que enfrentam problemas para ter filho, um terço podem ser beneficiadas pelas técnicas de fertilização *in vitro*. Os centros e postos de saúde ficam encarregados de fazer a triagem dos interessados. “Não adianta vir aqui direto porque será necessária uma checagem anterior para seleção dos pacientes adequados”, explica o diretor.

PRESSA

Vai ser preciso controlar a ansiedade. Mesmo com uma laqueadura de trompas, a auxiliar de serviços de limpeza Cilene Maria da Silva, de 36

anos, vivia a ilusão de que poderia ficar grávida a cada atraso da menstruação.

“Sabia que era muito difícil, mas até comentava com meu marido”, conta a funcionária pública que recebe R\$ 600 pelo trabalho numa escola. “Nunca tentei uma clínica particular porque o

tratamento é muito caro e eu não teria condições.”

Durante os oito anos do seu segundo casamento, a mãe de dois filhos conviveu com a frustração por não poder atender à vontade do marido, um lanterneiro, que nunca foi pai. “Me separei nova e tinha medo que uma pessoa fizesse um filho e não assumisse”, diz Cilene para justificar sua decisão pela esterilização. O sucesso na relação com seu atual companheiro trouxe o arrependimento. “Ele sempre falou em ter filho, mas a cobrança só começou há pouco tempo.”

Como número 67 da lista, Cilene deve ser atendida antes do fim de setembro. “Sonho com o bebê direito e quando ele chegar vai ser mais uma vitória na minha vida”, comenta. “Não escolho sexo, só quero

Fotos: Acácio Pinheiro



Depois de esperar oito anos, Cilene Maria da Silva vai engravidar: ela é o número 67 na lista de espera do hospital

que venha com saúde, mas se for menino vou repetir o nome do pai para ele ficar encabulado e, no caso de menina, quero que seja Jéssica Camila.”

Uma empregada doméstica evangélica está melhor colocada na lista e vai ser atendida no Setor de Reprodução Humana do Hmib antes de Cilene. Preocupada com a reação dos seus companheiros de religião, ela pede o anonimato — “pode causar algum preconceito”, argumenta. Maria, 35 anos, (nome fictício) é ca-

sada há seis anos e depois de dois anos de tentativas, recorreu à medicina para tentar uma gravidez.

No mês passado, a constatação de que uma obstrução nas trompas impedia definitivamente qualquer gravidez causou desespero à paciente acostumada aos nomes técnicos depois de quatro anos em consultórios. “Fiquei frustrada e acho que todo mundo ficaria do mesmo jeito”, diz Maria que insiste em dizer que sempre contou com a compreensão do marido.

A renda mensal de R\$ 800 desanimou o casal a buscar auxílio numa clínica particular. “Talvez meu problema até tivesse sido resolvido antes, mas eu nem procurei porque sabia que não conseguiria pagar”, explica a candidata ao tratamento. A proximidade da realização do sonho de ser mãe aumenta a ansiedade e faz Maria reivindicar atendimento antes das pacientes mais novas. “Elas têm mais tempo para esperar e eu logo estarei chegando aos 40.”

MEMÓRIA

EM 20 ANOS, CEM MIL FILHOS DA TECNOLOGIA

Em 1978, na Inglaterra, as regras impostas pelo destino foram contestadas pela genética. Pela primeira vez, o encontro das duas células que juntas dão origem ao ser humano ocorreu fora de um corpo humano, passou por uma gestação e terminou num nascimento.

Um bloqueio nas trompas impedia Leslie Brown e o caminhoneiro John Brown de cumprir a função natural de procriação. O trabalho de um embriologista, Robert Edwards, e um ginecologista, Patrick Steptoe, acenou com a chance da realização de um sonho, possibilidade que na época ficava nos 5%.

Hoje, mais de 100 mil seres humanos só existem graças aos avanços da fertilização *in vitro*. Entre eles está a paranaense Anna Paula Caldeira, a primeira brasileira concebida fora de um útero graças ao avanço da medicina. No próximo 7 de outubro, ela comemora 14 anos.

O responsável pelo serviço morreu há dois anos. O ginecologista Milton Nakamura, que trabalhava em São Paulo, não resistiu à queda de uma escada. Desde 1992 é possível em Brasília um casal infértil buscar ajuda da ciência para ter filhos.

Na época, a chance de sucesso beirava os 15% — hoje alcança o dobro. As estatísticas não desanimaram Mariangela Caron, a mãe do primeiro bebê de proveta nascido no DF, em 1991, a menina Vitória. O tratamento em São Paulo custou a Mariangela e seu marido o equivalente a US\$ 8 mil.

Em maio passado, nasceu a centésima criança fruto da fertilização *in vitro* do DF. O motorista Ronaldo Bento, de 30 anos, e a auxiliar de enfermagem Cândida Domingues, de 33, juntaram suas economias para terem no colo Ronald Domingues Bento, um bebê que veio ao mundo com por meio de uma cesariana com seus 4,2 quilos e 50 centímetros. (LCC)